

A MÔÇA CRISTINA

14.4.66

Rubem Braga

VENTO sul rima com céu azul; rima, mas é rima rara: acontece pouco. Os ventos do quadrante sul costumam trazer mau tempo; uma vez ou outra, como hoje, esse vento frio de sudoeste enche o mar de carneirinhos alvos que rebrilham ao sol. O céu é azul, com algumas nuvens muito brancas espalhadas sobre o horizonte, e o mar tem faixas azuis e verdes.

Tudo isso dá vontade de saber pintar; mas como pintura é jeito que se traz de nascença, o melhor é ir ver a pintura dos outros. No Museu de Arte Moderna está a turma nova, com essa mostra de Abril, além do excelente expressionista indonésio Affandi. Inaugura-se na Galeria Relêvo uma curiosa exposição de quadros pequenos, alguns assinados por pintores consagrados, a preços bastante camaradas — camaradas em relação aos preços tão salgados da pintura brasileira hoje em dia. Tudo isso vou ver entre hoje e amanhã; ontem fui à casa da jovem Cristina, filha do escritor Francisco de Assis Barbosa, para ver seus quadros. Pintura está em plena moda, além de ser coisa que de repente começa a dar dinheiro; é natural, assim, que a gente fique meio desconfiado quando ouve dizer que certa môça bonita e inteligente «está pintando». Ainda há pouco tempo fiquei sem saber se ria ou se chorava, quando fui a um apartamento grã-fino ver a pintura da dona da casa — uma figurinha das mais interessantes de nosso *society* — e lá me mostraram quadros que não eram de boa nem de má pintura, porque não eram pintura, era bobagem.

Cristina, graças a Deus, pinta mesmo; é pintora. Com dois ou três anos de aplicação, ela tem mudado várias vezes de jeito e gênero, o que é normal. Lembrou-me, não sei porque, o Scliar de muitos anos atrás, quando mudava constantemente de tema, de paleta, de maneira, de tudo, à procura de seu próprio jeito de pintar. Scliar acabou acertando. Cristina acertará também, porque é bastante humilde para chamar de seus últimos quadros de estudos, de tentativas. «Não gosto deste aqui como quadro, mas aprendi muito fazendo eles». E a môça tem outra coisa que é muito a seu favor: aplica-se a estudar desenho com modelo vivo, exercício em que muitos jovens não acreditam, e fazem mal.

Se eu fôsse conselheiro, a aconselharia a fazer outra coisa humilde, que é copiar quadros de mestres, para se adestrar. Ela tem todas as qualidades essenciais para ser uma boa pintora e até, se quisesse, poderia fazer desde logo quadrinhos de sucesso como tanta gente faz, pois sua habilidade já lhe permite isso; depõe a seu favor a seriedade com que trabalha, desistindo de efeitos fáceis, em busca de meios de expressão mais autênticos. Cristina faz seu aprendizado de menina aplicada e exigente para consigo mesma; quando poderia usar os prestigiosos amigos do pai e sua própria figurinha cheia de encanto, para obter êxito em uma exposiçãozinha bem «promovida». Faz, bem; ela tem a fibra de uma artista de verdade.